

DEUS NA COSMOVISÃO OVIMBUNDU: EM BUSCA DE DIÁLOGO COM A COSMOVISÃO BÍBLICA

Azevedo Camacuto Chivela¹

Resumo

O encontro entre culturas é inevitável nos dias atuais, neste mundo globalizado, todavia foi semeada uma perspectiva de que uma cultura é superior e outra inferior. Este pensamento dominante desfigura a importância de cada cultura no mosaico global e remove a capacidade de perceber o reflexo divino em todas elas. Precisamos estar abertos a conhecer outras realidades, assim sendo, os Ovimbundu com a cosmovisão própria sobre Deus são alvo deste estudo, já que, muitos estudiosos por desconhecimento rotulam os Bantu-Ovimbundu como politeístas, animistas ou mesmo como sendo uma religião feiticista. Este povo angolano é monoteísta, mas, como em outras culturas, o pecado afetou sua visão de mundo e hoje constatamos a necessidade de restaurar os aspectos destruídos dessa cosmovisão, especialmente a concepção sobre o Deus Criador.

Palavras-chave: Cultura, Cosmovisão Ovimbundu, Cosmovisão Bíblica, Evangelho, etnocentrismo.

Abstract

The encounter between cultures has become inevitable in today's globalized world. Yet a perspective has long taken root that views some cultures as superior and others as inferior. Such a mindset distorts the significance of each culture within the global mosaic and diminishes our ability to perceive the divine reflection present in all of them. It is therefore essential to remain open to engaging with different cultural realities. In this regard, the Ovimbundu—who possess a distinct worldview concerning God—constitute the focus of this study. Many scholars, often due to insufficient understanding, classify the Bantu-Ovimbundu as polytheistic, animistic, or practitioners of a fetishistic religion. However, this Angolan people is monotheistic; yet, as in all cultures, sin has shaped and distorted their worldview. This highlights the need to restore the damaged elements of their cosmology, particularly their understanding of the Creator God.

Keywords: Culture; Ovimbundu Worldview; Biblical Worldview; Gospel; Ethnocentrism.

¹ Licenciado em Teologia, Mestre em Missiologia pelo Programa de Pós-Graduação do Seminário Teológico Baptista do Huambo e Licenciado em Psicologia Clínica. ORCID:0009-0002-5100-4880.

Introdução

Deus em sua soberania e benevolência coloriu o mosaico cultural de maneira surpreendente, entre diferenças e pontos convergentes, ele mesmo deixou porta aberta para que todos o conheçam – a revelação geral. Procuramos no percurso deste artigo demonstrar como o povo Ovimbundu se relaciona com Deus e como seu relacionamento com o divino explica sua cosmovisão, pois para ele Deus é o criador de tudo, mas não é um Deus presente, ele é um Deus longínquo, que deixou os homens nas mãos dos antepassados.

Esta concepção em relação a Deus não veio do cristianismo, mas o povo Ovimbundu é monoteísta com base na construção histórica que deriva do Bantu, de onde se origina. Apesar de ser monoteísta ainda há pressupostos que precisam ser revistos ou reconstruídos. Este fato levou-nos a um diálogo sincero confrontando esta cosmovisão com a cosmovisão bíblica.

Discorrendo sobre os Ovimbundu na pauta global

No plano global, o divino, na construção do mosaico global, criou cada povo para manifestar a sua glória e cada cultura para demonstrar sua grandeza. O fato da cultura ser o diferencial de um povo é inegável, embora que a humanidade brota do mesmo ancestral, a verdade é que cada povo possui sua cultura peculiar, que é o seu diferencial entre os demais.

Apesar de não ser consensual o local da origem do homem, muitos estudiosos afirmam ser a África o berço da humanidade. Para *Kamabaya*, a humanidade nasceu em África e todas as nações surgiram da migração do negro africano para outras partes do mundo.² Esta dispersão foi o prelúdio das diversas culturas.

São as particularidades que descrevem a identidade de um povo, construída no arcabouço histórico devido às interações e valores adotados pelo grupo. Dentro dessa abordagem é que enquadrámos o povo Ovimbundu como parte da grandiosa obra de Deus, povo oriundo das migrações *Bantu*. Ocupando

² KAMABAYA, Moisés. **A contribuição da África para o processo da humanidade**. 1.ed. Mayamba Editora, Luanda, 2011.

hoje o planalto central de Angola e a faixa costeira adjacente (Bié, Huambo e Benguela)³, sua população corresponde a mais de um terço da população angolana, sendo assim o povo mais numeroso do território angolano. Por conseguinte, a língua Umbundu, é a mais falada neste território.

Como já afirmamos, os Ovimbundu são originários dos Bantu, logo a construção de sua identidade está intimamente ligada à história de sua proveniência. Embora possuam o mesmo DNA Bantu, os Ovimbundu têm rudimentos (culturas) próprios que o difere das outras etnias. Tais rudimentos servem como base para a interpretação da realidade, ou a sua cosmovisão. A cosmovisão, que para Domingues,

se mostra como uma lente de leitura de significados sobre o cosmo. Essa lente indica e interfere no modo como homens e mulheres observam e concebem a realidade, e que pode ser verificada nas relações sociais mantidas.⁴

Cada povo tem sua própria cosmovisão, Gamba afirma que, se queremos compreender a cosmovisão dos Ovimbundu, precisamos estudar fundamentalmente a sua ontologia e epistemologia.⁵ Este é um posicionamento aceitável, desde que o estudo ontológico e epistemológico seja conhecido por meio de uma fonte que o explica. Acreditamos que o conhecimento da cosmovisão de um povo tem seu ponto de partida na forma como este valida o conhecimento, sua transmissão e sua fonte.

Os Ovimbundu possuem uma fonte de conhecimento inquestionável: os mais velhos, sendo bibliotecas vivas e fiéis de confiança, “a transmissão é tão fiel que recorda os menores pormenores da narração”.⁶ Por esta razão, a fonte de sabedoria ou conhecimento deste povo será nosso ponto de partida na busca da sua cosmovisão.

Os “*sekulus*” - depositários fiéis da difusão da cosmovisão Ovimbundu

³ Outros autores estendem um pouco mais a localização geográfica desde povo.

⁴ DOMINGUES, Gleyds Silva. **O impacto das cosmovisões da educação**: em busca do(s) sentindo(s). Batista Pioneira, 1, 271-281, Dezembro, 2012, p. 274.

⁵ GAMBA, Sabino Teck de. **A odisséia do filhote Bantu**: o umbundo entre Mitos e Milagres, contracenando com o “Geschichte” Bultmanniano. São Paulo: Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2010.

⁶ ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional Bantu**. 2ª Ed. Luanda: Paulinas, 2006, p.39.

Para os Ovimbundu “a tradição parte não da escrita de um livro, revistas ou artigos, mas sim, dos saberes dos anciãos, através dos conhecimentos passados pelos ancestrais”.⁷ Tendo evidências que a epistemologia do Ovimbundu é transmitida oralmente, diferente doutros povos como os judeus, cuja cosmovisão é baseada num livro. Entretanto, independentemente de como os povos preservam suas crenças, eles possuem guardiões que perpetuam as crenças. No caso dos Ovimbundu, os “*sekulus*” (anciãos) da comunidade são seus guardiões. Isso significa que o conhecimento ou sabedoria dos Ovimbundu, não é preservado nem perpetuado por qualquer pessoa da comunidade, mas são os anciãos, os responsáveis pela educação e pela transmissão da cosmovisão do seu povo aos mais novos. Para Chombela, o título de mais velho no mundo visível na comunidade Ovimbundu vai além da idade ou do cabelo branco; é preciso agregar a sabedoria e a experiência.⁸ Por isso, os *sekulus* são autoridades e suas palavras são dotadas de grande importância de tal maneira que são entendidas como verdades irrefutáveis.

Pela importância dos anciãos na comunidade, a sua morte é uma grande perda na comunidade, pois acreditam ser o silêncio de uma voz orientadora e o encerramento de uma biblioteca, porque ele é considerado o elo entre o passado e a nova geração.

A existência e o papel de Deus na cosmovisão Ovimbundu

Pelo lugar que Deus ocupa na cosmovisão do povo Ovimbundu, importa antes compreender a união vital, por ser um princípio basilar ou o fundamento para compreender e explicar o seu comportamento. É a razão de ser um elemento de conexão que une todos os seres sem os confundir. A posição e a compreensão da teologia Ovimbundu passa necessariamente da união vital; o desequilíbrio ou o equilíbrio, a ordem ou a desordem depende da relação dos dois mundos.

A união vital estrutura o universo como um tecido de forças em equilíbrio, que a acção dos poderosos pode desequilibrar e também tornar a ordenar. Somente ela explica e dá coerência à cultura Bantu e

⁷ JORGE, Suzana Manuel. **A importância dos rituais de passagem nos povos Ovimbundu**. Acarape-Cear, 2024, p. 5.

⁸ CHOMBELA, Pedro Gabriel. **K’Ondjombo. K’ondjembo: elementos epistemológicos do éskaton antropológico na paideia “Hanha” entre os Ovimbundu**. 1ª ed. Roma: Edizioni Viverein, 2013, p.133.

fundamenta a sua concepção existencial. Sem ela não se poderia compreender nem sistematizar o pensamento Bantu, nem explicar cada uma das manifestações culturais.⁹

Esta união é a ligação de todos os intervenientes da pirâmide vital Bantu, preservada pelos Ovimbundu. Ela viabiliza o contato e o relacionamento entre os homens do mundo visível e do mundo invisível.¹⁰ Assim a comunidade Ovimbundu é alargada e não se restringe simplesmente aos vivos, mas inclui os antepassados e, no mundo invisível, também Deus e espíritos. No mundo visível se encontram as forças pessoais (homem) e impessoais (animais, vegetais). Diante disso a concepção da confluência da realidade visível e invisível é o motor de esperança da perpetuação da comunidade além-túmulo, pois os Ovimbundu vivem assentes nas premissas estabelecidas pelos seus antepassados e na expectativa de um reencontro futuro com eles.

Este povo “tem como princípio a crença de que Deus é a fonte de toda vida. Ele é a causa final de tudo o que existe, ainda que não é tido como o causador de tudo o que acontece”.¹¹ Os Ovimbundu possuem o conhecimento de um Deus supremo, criador de tudo e que confiou a criação nas mãos dos homens e dos seus ancestrais. Lukamba informa-nos ser o monoteísmo e o culto aos antepassados como que a síntese da vida religiosa deste povo.¹² Deste modo, qualquer tentativa de rotular o povo Bantu-Ovimbundu como politeísta é falácia e digna de ser desprezada. É verdade que, “o Bantu não cristianizado ainda será pagão, mas não é politeísta”.¹³

A crença de Deus é tão profunda na cosmovisão que,

crêem em Deus como o causador da vida, o criador dos homens e de todo o universo, mas que o abandonou e que se mostra indiferente aos seus problemas do dia a dia. Assim, sendo, o que acontece na vida quotidiana não tem causalidade em Deus. Ele é o causador final por ser soberano, mas os fenómenos são causados por interferências espirituais, mas não se trata de intervenção de Deus.¹⁴

⁹ ALTUNA, 2006, p.51.

¹⁰ GAMBA, 2010.

¹¹ BUJO, Bénétet & MUYA, Juvénal Ilunga. (coord.). **Teologia africana no século XXI**: algumas figuras. Vol. I, Paulinas, Lisboa, 2008, p.27.

¹² LUKAMBA, André. **Nova etapa missionária em África**: redescobrir para repropor. 3ª ed. Huambo: CERETEC, 2016, p.108.

¹³ CAETANO, Maurício Francisco. **Os Bantu na visão de Mafrano**: quase memórias. Portugal: Criativo edições, 2022, Vol. 1, p.51.

¹⁴ GAMBA, Rosângela Ferro de. **Proposta de diretrizes discipuladoras na afirmação da cosmovisão bíblica**: o caso dos ovimbundos do Huambo. Curitiba: Curitiba: Faculdades Batista do Paraná, 2018, p.29.

Importante realçar que a concepção de Deus como criador de tudo na cosmovisão do povo Ovimbundu não foi importado do cristianismo, é uma construção própria a partir da revelação geral do divino. Adotaram a expressão “*Suku*”¹⁵ para se referir a Deus, e

este termo vem de E+Suko que significa o centro (otchakati). A noção ou conceito nos vem do centro de um tronco (esuku) que não se vê, está escondido pelas propriedades exteriores, as cascas, e pela segunda camada que cobre o esuku.¹⁶

Entendemos assim que, “*Suku*” é o primeiro de todos. Ele o é criador e a fonte de toda criação.

Todavia, para Altuna, o significado de “*Suku*” é incerto, pois alguns deduziram que vem do verbo “*oku-huka*” significando: sobressair, exceder, sobrepujar. Bem como os termos Deus Altíssimo, o Excelso, o Grande, o Impenetrável.¹⁷ Na sua própria compreensão da expressão “*Suku*”, Altuna defende que é “mais acertado derivá-lo das palavras, também em umbundu, “*sekulu*” e “*ise-yukulu*” (o velho dos velhos, a raiz dos velhos). Deus seria o Pai mais velho de todos os pais humanos”.¹⁸ Esta concepção não implica que o divino pertence a mesma categoria dos antepassados, “*Suku*” é “*Suku*”, ele não tem antepassado nem tampouco está nesta categoria. Ele é único, pré-existente, que concebeu vida e autoridade aos antepassados.

Os atributos acima prescritos são maneiras peculiares para não desrespeitarem ou diminuírem Deus ao lhe dar um nome, “porque se Deus tivesse um nome conhecido pelos homens, esses teriam poder sobre Ele. [...] Jamais os Bantus imaginaram sequer a possibilidade de manipular a Deus”.¹⁹ Por outra, “não existe templos, altares, oferendas e sacrifícios públicos, festas, sacerdócio; nem precisam de lugares, momentos fixos ou tempos dedicados ao culto e adoração a Deus”.²⁰ Todos estes atos se voltam aos antepassados, os “*akokotos*” ou “*atambo*”, que são, na realidade, casas sagradas.

¹⁵ Palavra usada para designar Deus na língua nacional umbundu.

¹⁶ CHOMBELA, 2013, p.170

¹⁷ ALTUNA, 2006, p.400

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibid.*, p.339.

²⁰ *Ibid.*, p.414.

Este fato se deve ao posicionamento ou visão Ovimbundu de Deus. Deus é imenso, onipresente, enche tudo. Estabelecer lugares, momentos de oração, seria pôr em dúvida sua essência²¹ ou, como afirma Chombela (2013), a pureza e a perfeição de Deus lhe impedem de receber louvor ou agradecimento dos homens.²² São os antepassados os dignos de ter templos, receber sacrifícios e preces, pois o Pré-existente, sendo o criador do “*ntu*”, sendo vida em si mesmo, transmitiu este dom à criação.

No tocante ao relacionamento com sua criação, Ele (Suku) é um Deus longínquo: “o Deus dos Bantus não é um Deus relacional, pois deixou os homens a mercê dos espíritos dos antepassados que precisavam ser mantidos calmos e assim interferirem negativamente na vida dos vivos”.²³ Por mais que às vezes pareça perto, Ele não age. Faz todo sentido esta concepção entre o povo, pois “a realidade cultural africana mostra-nos, ao mesmo tempo, uma nomeação frequente do Ser Supremo e uma evocação constante do seu distanciamento e da sua ausência”.²⁴ Um Deus distante, despreocupado com sua criação, parece mostrar que sua missão com a criação foi deixada nas mãos dos antepassados e ele mantém-se inacessível aos homens.

A evangelização dos Ovimbundu e atitudes etnocêntricas

O encontro entre povos é um fato inquestionável na história. Muitas vezes marcado por controvérsias, outras vezes por harmonia. A relação de África com outros continentes é anterior à chamada “era do descobrimento europeu”, mas com este reencontro, novas perspectivas brotaram. O povo nativo para ser redimido, prestava submissão ao homem branco, juízo que menosprezava a verdade universal da crença em Deus. Sendo que, “não há povo algum sem língua, sem cultura e sem Deus”.²⁵ Todavia, o desprezo desta verdade básica trouxe consequências desastrosas na cultura evangelizada, a despeito da proposta do evangelho ser encarnacional, e penetrar na cultura não como um elemento estranho, mas como um elemento pertinente à cultura.

²¹ *Ibidem*.

²² CHOMBELA, 2013, p. 171

²³ GAMBIA, 2018, p. 34.

²⁴ BUJO & MUYA, 2008, p. 33.

²⁵ SCHMIDT apud NAMOLO, Gerardo. **O homem e o fenómeno cultural**. Lubango: Paulinas. 2016, p.9.

Apesar do evangelho ser supracultural, ele é proclamado a partir de uma cultura, partindo dos pressupostos básicos dela. Então, se não for proclamado considerando a cosmovisão do povo encontrado, pode ser visto como demolidor da cultura local. Ainda que assumindo o papel de renovação e de aperfeiçoamento, foi a atitude etnocêntrica disfarçada de boas novas que destruiu muitas culturas.

A teologia bíblica deve ser contextual, e “se a Teologia Bíblica não der as respostas, a cultura local as dará, e isso resultará em sincretismo religioso”²⁶. Por conta do desprezo ou o desconhecimento da contextualização, muitos missionários cometeram muitos erros contra as culturas africanas, e até hoje, entre os estudiosos da cultura bantu, há um olhar desagradável à religião cristã, associando-a ao colonialismo. Ou seja, alguns olham o cristianismo como a religião do imperialismo europeu, como uma nova tendência colonial, com a mesma tendência destruidora da cultura. Como afirma Mbembe, “uma parte importante dos intelectuais não hesitam em considerar as igrejas cristãs africanas uma “etapa do imperialismo mundial” e um agente da alienação que lamentam estar entre os africanos”.²⁷ A atitude descrita contribuiu para a desfiguração da divindade ou religiosidade do povo africano, taxando os ritos religiosos deste povo como supersticiosos ou simplesmente diabólicos.

Segundo este autor, o homem branco inaugurou seu relacionamento com o indígena africano, com uma atitude de hostilidade, desprezo e com relação abrupta, o que fez deste um objeto de maldição, de tal maneira que é a única raça da terra que sua evangelização partiu da perspectiva de uma teologia da maldição.²⁸

Um único texto subordinou o negro africano à maldição, legitimando a escravidão neste continente, à implantação de pensamentos negativos de si mesmo, e a igreja infelizmente partiu na busca de textos isolados para defender tamanhas atrocidades.

²⁶ SILVA, Cácio. **Fenomenologia da religião**: compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 52.

²⁷ MBEMBE, Achille. **África insubmissa**: cristianismo, poder e estado na sociedade pós-colonial. Pedagogo, 2013, p.35.

²⁸ Ibid., p. 39.

Leitura da cultura Ovimbundu à luz da cosmovisão bíblica: um realinhamento da concepção de Deus

Como qualquer outra cultura, o povo Ovimbundu possui uma cosmovisão própria, que, ao encontrar-se com outras cosmovisões, o diálogo torna-se de extrema importância, para evitar atitudes de supremacia entre elas. Como afirmamos, é inexistente o ateísmo na cosmovisão Ovimbundu, pois “todos sabem que existe Deus, o criador de todas as coisas, só que eles não sabem como o devem adorar”.²⁹ Esta concepção não é fruto do contato com os missionários é um elemento fundamental presente em sua cultura, e os relatos históricos dão esta evidência. A narrativa seguinte de *Henderson* é elucidativa,

Visto ser Sanders³⁰ quem mais conhecimentos possuía da língua Umbundu, foi ele o escolhido para ir explicar ao rei Ekwikwi II os objectivos da missão. Teve de esperar bastante tempo para que lhe fosse concedida uma audiência, porque o rei estava a preparar-se para a guerra e não tinha tempo a perder com aquele branco, magricela, de 25 anos de idade. Por fim, mandou-o chamar interrogando-o em seguida sobre as razões que tinham levado o missionário a entrar no seu reino. O missionário respondeu que ele e os seus companheiros estavam ali para dar a conhecer Deus, tanto a ele como ao seu povo. O rei fez-lhe sinal para que continuasse a falar e assim Sanders começou a fornecer provas da existência de Deus e a falar sobre os dez mandamentos que o criador deixara à humanidade. De repente, Ekwikwi gritou: para! Se é só isso que vieram dizer-nos, podem ir-se embora, porque isso já sabemos!»³¹

Este acontecimento demonstra a organização existente neste território, e nos apresenta um povo aberto para ouvir, e também a convicção do conhecimento de Deus e da sua lei estampada em sua cosmovisão. O Rei Ekwikwi II coloca no mesmo patamar o Deus apresentado pelo missionário ao Deus Supremo que conheciam e a moral bíblica foi correlacionada com sua prática diária, não dissociando sua religiosidade de sua vida quotidiana.

A compreensão desse povo a partir de sua própria perspectiva é reveladora, ao afirmar que Deus é o criador de todas as coisas, não criado, inigualável, estando acima de todas as coisas criadas. Mas apesar de ter uma visão monoteísta, o divino parece longínquo deixando a criação nas mãos dos antepassados,

²⁹ FELIZARDO, Hêrlander Mário M. C. **Angola: campo de missões cristã**. 2005, p.40.

³⁰ William Henry Sanders juntamente com Samuel Taylor Miller e William W. Bagster foram os primeiros missionários protestantes a transmitir o evangelho nos ovimbundu, propriamente no reino do Bailundo.

³¹ HENDERSON, 2015, p. 67

a ideia de que Deus está distante e de que alguns receberam poder para manipular as forças da natureza e dos espíritos impede que os ovimbundu consciente ou inconscientemente anseiem em buscar a Deus para a resolução de seus problemas do dia a dia.³²

Este fato leva o Ovimbundu a esperar no além-túmulo não se encontrar com o seu criador, mas com os seus antepassados. Por outra, a perspectiva cristã admite um Deus transcendente, mas também imanente, um Deus que está acima da criação e não limitado pela criação, e apesar disso, diferente da cosmovisão Ovimbundu, Deus é presente e é ativo no mundo, pois, o Deus longínquo é precedido de um Deus presente que delegou a responsabilidade aos primeiros antepassados. Na perspectiva cristã mesmo o homem se distanciando de Deus, o próprio Deus se aproximou a ele para restabelecer a comunhão.

Ele se move em favor da criação não só no além-túmulo, mas também abrange o aqui e o agora. Morris citando 1 Coríntios 11.32, diz que “Paulo vê Deus agindo como juiz agora mesmo. Para os crentes isso é providência compassiva de Deus, em que somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo”.³³

Outro contraste é a impossibilidade do invisível manifestar-se de forma corpórea entre os Ovimbundu, que no parecer cristão, a encarnação de Deus é seu fundamento.

Jesus Cristo, a palavra de Deus personificada (logos), por meio do qual todas as coisas foram criadas nos céus e na terra, concretizou o plano de salvação da humanidade através de sua morte expiatória; ressuscitou ao terceiro dia, foi elevado ao céu e está sentado à direita do trono de Deus (Pai). Este, portanto, é o único Mediador entre Deus e seres humanos, o único Senhor e suficiente salvador, no qual se tem a redenção e a remissão dos pecados.³⁴

Deus tornou-se homem, para que por meio dele toda humanidade se aproxime da essência da verdadeira humanidade projetada por Deus e destruída pelo pecado. A dicotomia apresentada entre as duas cosmovisões nos dá luz a uma soteriologia divergente, enquanto para o cristianismo a salvação é obra de Deus por meio de Jesus Cristo, para os Ovimbundu a salvação não depende de nenhuma entidade, senão deles mesmos, por isso, a realização de obras são o critério para alcançar a eternidade (salvação pelas obras). Apesar das

³² GAMBA, 2018, p. 87.

³³ MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p.33.

³⁴ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Estudos temáticos em cosmovisão cristã: olhares sobre diferentes áreas da vida**. 1ª ed. Curitiba: PR: Olsen, 2022, p.52.

diferenças, vemos ponte na cosmovisão Ovimbundu que serve de porta para a compreensão do evangelho, e também um desafio para ela renovar os aspectos destruídos da sua cultura pelo pecado. Eis a razão de a mensagem do evangelho ser a restauradora das estruturas destruídas pelo pecado.

Considerações finais

A cosmovisão do povo Ovimbundu é vasta e digna de ser estudada em todos seus contornos, a fim de que outras realidades possam ampliar ou ser confrontadas. Não podemos nos fechar pensando que a história ou cosmovisão são uniformes, pois elas se manifestam em diversas formas. Na cosmovisão Ovimbundu Deus é visto como criador de tudo, porém parece distante, mas não deixou a deriva o homem e delegou aos antepassados a responsabilidade de manter o equilíbrio na comunidade, que abrange quer o mundo visível, quer o mundo invisível. Apesar da sua riqueza, o encontro dela com outras cosmovisões são inevitáveis, por conta da ligação com outros povos cada vez mais forte, e neste encontro, o diálogo com as Escrituras é necessário para a renovação ou reconstrução de aspetos destruídos pelo pecado.

O diálogo da cosmovisão cristã com esta cosmovisão pode levá-la a refletir sobre o seu relacionamento com Deus e assim perceber muitas lacunas presentes em sua cultura. Assim, o aprofundamento sobre o tema e sua relação é um desafio para quem quer conhecer os contornos da cosmovisão Ovimbundu, e criar pontes para que o evangelho seja parte dela e destruir todas as tendências sincréticas.

Referências bibliográficas

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional Bantu**. 2ª Ed. Luanda: Paulinas, 2006.

BUJO, Bénézet & MUYA, Juvénal Ilunga. (coord.). **Teologia africana no século XXI: algumas figuras**. Vol. I, Paulinas, Lisboa, 2008.

CAETANO, Maurício Francisco. **Os Bantu na visão de Mafrano: quase memórias**. Portugal: Criativo edições, 2022, Vol. 1

CHOMBELA, Pedro Gabriel. **Kondjombo. K'ondjembo:** elementos epistemológicos do éskaton antropológico na paideia “Hanha” entre os Ovimbundu. 1ª ed. Roma: Edizioni Viverein, 2013.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **O impacto das cosmovisões da educação:** em busca do (s) sentindo (s). Batista Pioneira, 1, 271-281, Dezembro, 2012.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Estudos temáticos em cosmovisão cristã:** olhares sobre diferentes áreas da vida. 1ª ed. Curitiba: PR: Olsen, 2022.

FELIZARDO, Hêrlander Mário M. C. **Angola:** campo de missões cristã. 2005.

GAMBA, Rosângela Ferro de. **Proposta de diretrizes disciplinadoras na afirmação da cosmovisão bíblica:** o caso dos ovimbundos do Huambo. Curitiba: Faculdades Batista do Paraná, 2018.

GAMBA, Sabino Teck de. **A odisséia do filhote Bantu:** o umbundo entre Mitos e Milagres, contracenando com i “Geschichte”, Bultmanniano. São Paulo: Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2010.

JORGE, Suzana Manuel. **A importância dos rituais de passagem nos povos Ovimbundu.** Acarape-Cear, 2024.

KAMABAYA, Moisés. **A contribuição da África para o processo da humanidade.** 1.ed. Mayamba Editora, Luanda, 2011.

LUKAMBA, André. **Nova etapa missionária em África:** redescobrir para repropor. 3ª ed. Huambo: CERETEC, 2016.

MBEMBE, Achille. **África insubmissa:** cristianismo, poder e estado na sociedade pós-colonial. Pedagogo, 2013

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2003.

NAMOLO, Gerardo. **O homem e o fenómeno cultural.** Lubango: Paulinas. 2016.

SILVA, Cácio. **Fenomenologia da religião:** compreendendo as ideias religiosas a partir das suas manifestações. São Paulo: Vida Nova, 2014.